

Copyright © Atlantyca Dreamfarm s.r.l. de nomes, personagens e símbolos, e licença exclusiva de Atlantyca S.p.A. para a edição original. Traduções e/ou adaptações são propriedade de Atlantyca S.p.A. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento de informação sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário. Para mais informações contactar Atlantyca S.p.A., Via Leopardi, 8, 20123 Milano — Italia. foreignrights@atlantyca.it

FICHA TÉCNICA

Título original: *L'Enigma del Cobra Reale*

Autores: *Pierdomenico Baccalario e Alessandro Gatti*

Ilustrações: *Iacopo Bruno*

Copyright © 2014 Atlantyca Dreamfarm s.r.l., Italia

Projeto editorial de Atlantyca Dreamfarm s.r.l., Italia

Edição original publicada por Edizioni Piemme S.p.A.

International Rights © Atlantyca S.p.A., Via Leopardi, 8 — 20123 Milano, Italia

foreignrights@atlantyca.it — www.atlantyca.com

Tradução © Brilho das Letras, Lisboa, 2016

Tradução: *Rossana Appolloni*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 416 010/16

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2016

Jacarandá é uma chancela da Brilho das Letras

Reservados todos os direitos

para Portugal e países africanos de expressão portuguesa à

Brilho das Letras

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

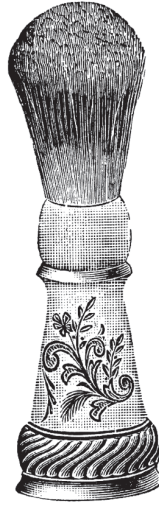
2730-132 Barcarena

info@jacaranda.pt

www.jacaranda.pt

facebook.com/jacarandaeditora

NOVEMBRO



Um dos segredos mais bem guardados pelos ingleses é que não é verdade que na sua terra chova assim tanto. Também se divertem com a ideia de que os continentais, ou, ainda pior, aquelas almas ingênuas dos americanos, os imaginem vítimas de uma chuva incessante, encasacados devido ao frio e resguardados por frágeis chapéus de chuva.

A Londres onde eu estava há já uma semana era, pelo contrário, beijada por um sol luminoso, o que tornava ainda mais nítidos todos os pormenores daquele meu triste regresso. Acho que durante o ano não existiu um mês

mais melancólico do que o de novembro, e um período pior, para se estar triste, do que aquele em que o outono desaparece pouco antes do inverno, as folhas murcham e a terra, húmida, exala um frio profundo, que parece embebido de morte.

E foi mesmo em novembro, no dia 11, que o meu pai Leopoldo e eu finalmente nos decidimos, de uma vez por todas e de forma definitiva, a fazer mudanças, deixando a nossa velha vida parisiense para desembarcar na nossa nova residência londrina. Na verdade, era tudo menos nova: transferimo-nos para o mesmo apartamento que o meu pai tinha alugado para nós no ano anterior, durante a guerra, quando, por prudência, tivemos de deixar a nossa casa de Paris.

Ainda hoje me comovo ao pensar neste pequeno pormenor: com a teimosia desesperada de uma criança, o Leopoldo tinha decidido deixar Paris, porque para ele esta cidade significava Geneviève, a adorada mulher que tinha perdido. No entanto, no momento de escolher para nós uma habitação londrina, o senhor Adler optou por aquela casa de Aldford Street, a qual ainda carregava, nas belas cores das tapeçarias e em vários pormenores da decoração, a marca deixada pela mulher que tinha amado a vida inteira. Quanta ternura naquele contraste entre as resoluções firmes da vontade e as hesitações desesperadas do coração!

Geneviève. Este nome continuava a surgir nos meus lábios como um enigma irresolúvel nas longas horas que, naqueles dias distantes, eu passava na solidão.

Geneviève, a minha mãe adotiva, que nunca tinha compreendido a fundo, que nunca me tinha compreendido a mim a fundo e que, apesar disso, não tinha hesitado em ir ao encontro da morte para me salvar a vida. A confirmação do quão pouco somos capazes de penetrar no mistério que vive no ânimo das pessoas, mesmo daquelas que vivem à nossa volta. Assim, agora encontrava-me a ter de conviver com aquela recordação semelhante a um pesadelo: a da Geneviève a sobrepor-se corajosamente entre mim e um sórdido criminoso, pagando com a vida a minha imprudência.

De facto, não podia deixar de pensar que se aquele ladrão tinha entrado em casa, mais do que devido à guerra civil, mais do que devido à pobreza que assolava a capital francesa depois da derrota sofrida pelos prussianos, fora por culpa minha. Minha e do meu horror ao aborrecimento, que partilhava com os meus grandes amigos, Sherlock Holmes e Arsène Lupin, e que nos empurrava amavelmente para a busca do desafio de uma aventura. E eis que por fim percebi o preço que se paga, em lágrimas, quando se escolhe seguir a paixão pela aventura ou, melhor dizendo, pela beleza escaldante do perigo. Hoje posso afirmar com toda a certeza de que não se tratava

de caprichos, mas sim da minha natureza mais profunda que começava a revelar-se, antes de mais a mim própria. No entanto, naqueles dias não sentia que uma sombra pesada tivesse vindo assombrar a extraordinária vida que, desde há alguns meses, os meus amigos e eu estávamos a levar. Uma vida que eu, até àquele momento, sempre vi como iluminada pela mesma luz que inundava as praias brancas de Saint-Malo, o lugar onde nos tínhamos conhecido e jurado ficar amigos para sempre.

Assim, quando voltámos àquela casa londrina, suspenso entre o passado e o presente, e o senhor Horácio Nelson, o nosso mordomo, escancarou as janelas, foi como se tivéssemos saído de lá há poucos dias. Porque, na verdade, ainda lá pairava a presença da minha mãe. Da minha mãe, sim, porque afinal de contas fora ela a minha verdadeira mãe durante toda a minha vida, dia após dia, certamente mais do que foi a minha mãe verdadeira, Alexandra Sophie von Klemnitz. Sophie dera-me a vida. Geneviève protegera-me da morte. E ambas, naquele novembro, pareciam sepultadas por baixo de um cobertor impenetrável. E eu, pobre ingénua, tinha a certeza de que ali ficariam.

No entanto, deveria ter percebido que não iria ser assim desde os primeiros passos naqueles corredores elegantemente decorados, por baixo dos candeeiros venezianos, entre os sofás acolchoados em puro estilo Sheraton, sobre

os tapetes que um mercador turco qualquer, ou arménio, tinha levado de navio até às docas de Londres; talvez fosse um pensamento estranho, mas parecia-me que a nossa casa londrina tinha dentro de si algo de ambas as mulheres: a passagem sofrida de uma e a total ausência da outra.

Ou, mais simplesmente, na realidade, apesar de todos os meus esforços, o meu novo penteado (os cabelos vermelhos cortados muito curtos, quase como os de um rapaz), as minhas resoluções e as palavras do meu pai, ser-me-ia completamente impossível virar costas ao meu passado e recomeçar como se nada tivesse acontecido. Até os meus sonhos pareciam querer dizer-me alguma coisa. De facto, lembro-me do que sonhei na noite da nossa chegada a Londres: passeava pelo campo a ler um livro e, antes de chegar ao fim da leitura, ao passar por uma estreita ponte de pedra, o livro caiu-me num canal. No sonho eu continuava a passar sobre aquela pontezinha e inclinava-me para olhar para o livro aberto que permanecia no fundo, sem que a água o desfizesse nem a corrente o levasse, desejando desesperadamente ainda poder ler as palavras liquefeitas pela água. Ao acordar não pude deixar de pensar que aquele livro era a minha história com a Geneviève, desaparecida para sempre.

Era assim que me sentia. E tentava não mostrá-lo. Sabia que o meu pai sofria tanto quanto eu, aliás, talvez ainda

mais, porque ele amara Geneviève mais do que eu alguma vez conseguira. E adotaram-me mesmo em nome do seu amor. O meu pai sabia que a minha mãe tinha os pulmões delicados e que o ar fumarento de Londres piorava a sua saúde. Mas nunca imaginara que pudesse morrer assim, de repente, e em circunstâncias tão violentas. Aceitara o choque tentando dedicar-me a mesma ternura que eu lhe dedicava a ele: fazendo-me acreditar que tinha conseguido superar e que, apesar de tudo, as coisas ainda podiam encontrar um equilíbrio. E havia de encontrá-lo, mas certamente não naquele inverno (só de pensar no próximo Natal era insuportável para ambos), talvez, razoavelmente, na primavera seguinte. Não sei qual dos seus negócios tinha fechado, que fábricas de ferro tinha vendido, que linhas ferroviárias tinha abandonado ao seu destino por forma a mudar de vida e a cortar com o seu passado, nem nunca mo disse. Mas eu via-o exausto, espiava-o quando ele achava que não estava a ser observado e chorava, ou quando ficava como que assombrado, com a espuma para a barba já espalhada no rosto, a olhar fixamente para o espelho, como se, de repente, lhe fosse impossível acreditar que Geneviève não estava a seu lado. Éramos a muleta um do outro. Mas era como se houvesse um fantasma entre essas duas muletas.

Como estava a dizer, dir-se-ia que o ultrajado clima londrino compreendia o nosso estado de espírito e se esforçava

para nos dar um pouco de conforto com insólitos dias de sol e vento forte, onde pequenas nuvens brancas e inócuas fugiam depressa na cortina azul do céu. Ficava bastante tempo espedada à janela a contemplar as ruas lamacentas que se enchiam de vendedores e de carruagens, as árvores do parque ao fundo de um dos lados, as fachadas brancas das casas da rua do outro lado. Uma vez aconteceu-me reparar num grupinho de limpa-chaminés a caminharem fazendo equilíbrio sobre os telhados do prédio à frente do meu e gritei de surpresa. Eles viram-me, cumprimentaram-me e exibiram-se para mim com uma série de acrobacias perigosas.

— Não! Não! Por favor! — gritei, preocupada que se magoassem ou que de repente caíssem à rua.

Mas eles riram-se, levantaram as compridas vassouras pretas e estenderam-me um chapéu. Eu fiz-lhes sinal para esperarem por mim, corri pela casa à procura de um xelim e, quando o encontrei, atirei-o. E assim que um rapazinho de rosto escuro e olhos brilhantes o apanhou senti-me melhor.

Naqueles dias, que só consigo lembrar-me como um período de convalescença, agarrava-me muito à ideia do que tinha começado a chamar *o meu programa*. Ou seja, o programa para me tornar a pessoa que verdadeiramente queria ser, e que se caracterizava por uma longa lista de

pontos anotados escrupulosamente num caderno de capa azul, da mesma tonalidade, noto agora, da confeção do perfume preferido de Geneviève. Aquele caderno ficou fatalmente incompleto e grande parte das suas páginas ficaram brancas, mas na altura folheava-o com satisfação. Entre os pontos principais que tinha identificado, após retomar os estudos normais com um novo tutor, estava a decisão de recomeçar as lições de canto com a menina Langtry, uma pessoa talvez um pouco rígida, mas uma excelente professora.

Reconfortava-me a ideia de poder voltar a mergulhar no prodígio da música, afastando todos os pensamentos para me concentrar unicamente na minha voz. Naquele momento ainda não era do meu conhecimento que outras situações iriam reclamar a minha atenção e que, como na verdade já tinha acontecido outras vezes, o irresistível chamamento da aventura iria fazer adiar o meu regresso ao canto.